

Sobre a Percepção do Deslocamento Interior



Não sei exatamente o que está acontecendo.
Me sinto perdido, mas não estou perdido.
Apenas uma ansiedade difusa — talvez produzida por **agentes externos que Durkheim (1912)** chamaria de ‘fatos sociais’, forças coletivas que moldam o íntimo.
Houve uma mudança nas energias ao redor, algo que parecia ter forma própria, uma presença quase tangível, como se o próprio espaço ritualístico — ainda que informal — estivesse se reconfigurando.

Não estou perdido, é apenas um sentimento passageiro de quem busca resolver uma questão breve.

Aparentemente, estava prestes a enfrentar aquilo que, necessariamente, preciso atravessar — um **momento liminar**, no sentido que **Turner (1969)** daria: uma fase de transição, desestruturação e potencial transformação.

E agora era o momento ideal.

Havia muitos fatores, muitos dados apontando para caminhos diversos.

A situação parecia estática, mas talvez não seja assim — há sempre movimento, mesmo quando imperceptível.

Talvez esteja ocorrendo um processo de aceleração do fluxo pensante.

É preciso tentar compreender o que se desenrola de maneira tão dinâmica.

É preciso perguntar: para onde isso pode levar?

Não há, por ora, necessidade de preocupação.

No entanto, se desejo que algo aconteça, talvez seja necessário agir.

A urgência é também uma construção — social, temporal, subjetiva.



Cena 1

Abri a porta, atravessei o corredor, virei à direita e subi as escadas.

Logo percebi: Árvore estava na piscina. Sozinho.

Não quis interromper sua introspecção.

Ele cantava — uma melodia bela, ecoando nas paredes de azulejo da piscina vazia.

O som era agradável, preenchia o espaço com uma ressonância íntima, como se ali se formasse uma **comunidade efêmera**, uma **communitas** (Turner, 1969), ainda que silenciosa e invisível.

Fiquei em dúvida: como proceder?

Queria observar o céu, buscar inspiração para escrever, para seguir meus estudos sobre a Ayahuasca — substância que, como **Labate (2012)** discute, está no centro de tensões entre tradição e contemporaneidade, entre cura e apropriação cultural.

Olhei para cima: as luzes da piscina acesas obstruíam parte das estrelas, mas o céu estava aberto, planetas brilhando.

Entrei na piscina.

Árvore, sentado no meio, tocava e cantava.

Resolvi respeitar seu momento — não interromper.

Fiquei observando as estrelas, ouvindo sua música.

Percebi que a luz artificial criava um véu, um apagamento parcial do cosmos — metáfora talvez do quanto o entorno material e simbólico modifica nossa percepção do profundo.

Quando ele parou, aproximei-me.

Ele não me havia notado antes — se tivesse, talvez tivesse interrompido o canto.

Suas expressões eram claras, marcantes. Magníficas, diria.



Reflexão Analítica

É difícil compreender ciclos inteiros de processos mentais.

Mas talvez eu possa ter certeza de que não preciso me preocupar com o imediato — ou talvez isso seja apenas ilusão, uma forma de adiar o confronto.

Preciso entender meus sentimentos, minhas emoções.

É necessário iniciar um ciclo de autoentendimento sistematizado, detalhado, contínuo. Os sentimentos só podem ser experienciados — mas, como ensina **Hochschild (1983)**, são também **trabalho emocional**, geridos conforme regras sociais invisíveis.

A partir do momento da experiência, desencadeiam-se processos corporais — respostas fisiológicas, químicas, simbólicas — que nos preparam para lidar com aquela emoção.

Mas o que é uma emoção?

A emoção é algo que se sente — mas também é algo que se interpreta, que se nomeia, que se compartilha.

Ela não está apenas no corpo; está na cultura, na linguagem, na relação.

E em contextos rituais, como os que envolvem a ayahuasca, a emoção pode ser canalizada, resignificada — tornando-se, como **Durkheim (1912)** sugeriria, um **fato social vivido no corpo**.

A Ayahuasca, nesse sentido, pode ser vista como um **rito de passagem contemporâneo** — um dispositivo de reorganização da experiência interior que, como **Labate (2012)** analisa, opera na intersecção entre o xamânico e o político, entre o íntimo e o transnacional.

E eu, ali, entre a piscina vazia e o céu estrelado, entre o canto de Árvore e o silêncio da noite, estava talvez diante de um **micro-ritual não nomeado** — espaço de deslocamento, escuta e possibilidade.



CENA 2 | O Encontro e o Silêncio Compartilhado



Quando finalmente nos encontramos no centro da piscina vazia, Árvore parou de tocar.

O silêncio que se seguiu não era vazio — era espesso, palpável, como se o eco da última nota tivesse se transformado em uma presença.

Ele me olhou, e em seus olhos havia um reconhecimento tranquilo, como se minha chegada já fosse esperada, já fizesse parte daquele ritual não marcado.

“Você também veio escutar?”, ele perguntou, a voz suave ainda carregando o resíduo melódico do canto.

Não respondi imediatamente. Olhei novamente para o céu, agora com as luzes da piscina já apagadas — eu mesmo as desligara ao perceber que a escuridão não era ausência, mas um **campo de possibilidades visuais**, como descreveria **Ingold (2000)** ao falar da percepção ambiental. As estrelas agora explodiam em quantidade, um mapa celeste que parecia dialogar com a geometria dos azulejos sob nossos pés.

“Vim tentar entender”, disse por fim. “Algo está se movendo — dentro e fora.”

Árvore assentiu lentamente. “É o momento de passagem. Você sente porque está pronto para atravessar.”

Suas palavras ecoavam **Turner (1969)**, mas também traziam uma sabedoria prática, quase corporal. Ele não estava citando teoria — estava nomeando uma experiência.

Permanecemos em silêncio por um tempo indeterminado.

O céu parecia girar, mas era a Terra que se movia — lembrei-me de **Bourdieu (1972)** e sua noção de *habitus*: como nossos corpos internalizam o movimento do mundo, como o cosmos se inscreve em nossos gestos. Ali, imóveis na água parada, éramos paradoxalmente parte de uma rotação maior.

Foi então que Árvore começou a cantar novamente, mas agora sem violão — uma melodia ancestral, talvez indígena, talvez inventada.

E algo aconteceu: as estrelas pareciam pulsar em sincronia com suas notas.

Não era alucinação — era, como diria **Descola (2005)** em sua antropologia da natureza, uma **ressonância entre ontologias**, um momento em que a separação entre humano e cosmos se dissolve temporariamente.

Quando a canção terminou, ele disse: “A ayahuasca não está só na bebida. Está na disposição de ver.”

E eu entendi, num clarão não visual, mas compreensivo: o ritual não precisava de substância externa; ele já estava em curso. A piscina vazia era o *vaso*, o céu estrelado era o *teto do templo*, e nosso encontro era a **cerimônia mínima**.

Como escreve **Labate (2012)**, a ritualidade contemporânea muitas vezes se dá nos interstícios, fora dos espaços consagrados — e ali, naquela arquitetura doméstica abandonada, estávamos realizando um **ato de significação coletiva**.

Antes de nos separarmos, Árvore me entregou algo — uma pedra lisa, retirada do fundo da piscina.

“Para lembrar que o chão também sustenta”, disse.

Aceitei o objeto e senti seu peso não como massa, mas como **memória material**, no sentido que **Connerton (1989)** dá aos rituais de incorporação: gestos, objetos e lugares que carregam o passado para o futuro.



Reflexão Final

Ao descer as escadas, já não me sentia perdido.

A ansiedade havia se transformado em **atenção flutuante** — um estado de prontidão sem urgência, como descrevem os terapeutas de orientação psicodélica (Carhart-Harris, 2019).

Não tinha todas as respostas, mas agora tinha **melhores perguntas**.

A emoção, compreendi, não é um epifenômeno individual — é um **evento relacional**, um fluxo entre corpos, histórias e ecologias.

O que eu experimentara naquela noite era menos uma “viagem” e mais um **reposicionamento perceptivo**, um ajuste na lente através da qual vejo a mim e ao mundo.

E talvez seja isso que a antropologia e a sociologia, no fundo, nos oferecem: não teorias fechadas, mas **ferramentas de tradução** — entre experiências, entre culturas, entre os mistérios do íntimo e as estruturas do social.

A Ayahuasca, como fenômeno, segue sendo um **campo de disputa** — religiosa, política, identitária.

Mas naquela noite, ela se fez presente como **metáfora viva**: uma abertura para o desconhecido, uma permissão para atravessar portas internas.

Ao chegar em casa, coloquei a pedra da piscina sobre a mesa de trabalho. Ela não brilha como as estrelas, mas **lembra** — lembra que às vezes é preciso descer ao

fundo vazio para encontrar algo sólido.

E que nem todos os rituais são marcados no calendário; alguns chegam sem aviso, em noites comuns, trazidos pelo canto de um amigo e pelo silêncio que vem depois.



Referências

- BOURDIEU, P. 1972. *Esquisse d'une théorie de la pratique*
- CARHART-HARRIS, R. 2019. *The Entropic Brain: Theory of Conscious States*
- CONNERTON, P. 1989. *How Societies Remember*
- DESCOLA, P. 2005. *Par-delà nature et culture*
- DURKHEIM, É. 1912. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*
- HOCHSCHILD, A. 1983. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment*
- LABATE, B. 2012. *Ayahwasca Religions*
- TURNER, V. 1969. *O Processo Ritual*

Referências Complementares:

- CERTEAU, M. 1990. *A Invenção do Cotidiano*
- GEERTZ, C. 1973. *A Interpretação das Culturas*
- LATOUR, B. 1991. *Jamais Fomos Modernos*

